

Seis chapéus para pensar a população mundial

Joana Fernandes (professora estagiária)

Núcleo de Estágio de Geografia da Escola Secundária Quinta do Marquês, Oeiras (2005/2006)

(Rede de Núcleos de Estágio do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Luís Mendes

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Introdução

A expressão «aprendizagem cooperativa» é geralmente entendida como sendo a aprendizagem que acontece num ambiente onde os alunos, em pequenos grupos, partilham as suas ideias e trabalham em colaboração para efectuar tarefas de aprendizagem. Como esta é uma expressão geral, acaba por cobrir pressupostos teóricos e organizativos que podem ser bastante diferentes, sendo que o comum se coloca no pressuposto de que os alunos são factores de aprendizagem para os colegas, trabalhando mutuamente para realizar uma determinada proposta.

A expressão surge também na literatura como sinónimo de «trabalho de grupo» ou «ensino em pequenos grupos» e é habitual que sejam considerados desenvolvimentos de competências de diversa natureza: cognitiva, afectiva ou social.

A aprendizagem cooperativa continua a provar a sua eficácia em várias facetas do ensino da Geografia. Não só promove o desenvolvimento de competências com vários níveis e tipo de alunos mas também estes trabalham juntos em grupos, pelo que a comunicação e as relações interpessoais são apuradas e desenvolvidas. Inerentes ao trabalho cooperativo estão os processos valorizados, como o esclari-

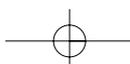
mento, a comparação e a defesa de ideias, assim como as habilidades sociais de ouvir, comprometer e chegar a consenso(s). Valoriza-se a interdependência positiva, a interacção face a face, com condições espaço/tempo definidas pelos utilizadores; habilidades interpessoais e de grupo (comunicação, liderança, confiança, decisão e gestão de conflitos); os procedimentos em grupo (funcionalidade, qualidade de contribuições) e os respectivos retornos individuais/colectivos. Valorizam-se também os processos de cooperação, tais como a comunicação, a negociação, a coordenação, a co-realização e partilha; as contribuições e reflexões individuais devem convergir para um trabalho colectivo; os resultados parciais de actividades cooperativas são importantes, na medida em que permitem avaliar/discutir/corrigir o curso do processo de raciocínio reforçando a auto-avaliação do aluno.

O trabalho do grupo colaborativo proporciona diversas oportunidades para envolver os alunos em discussões de fundo. São consideradas bases da aprendizagem cooperativa:

- a responsabilidade individual pela informação reunida para o grupo;
- a interdependência positiva, de forma que os estudantes sintam que ninguém terá sucesso, a não ser que todos o tenham;

- o entendimento real de uma dada informação, tendo que explicá-la a outros membros de um grupo;
- o desenvolvimento de capacidades interpessoais, que serão necessárias noutras situações da vida do sujeito;
- o desenvolvimento da habilidade para analisar a dinâmica de um grupo e trabalhar com problemas;
- a forma comprovada de aumentar as actividades e o envolvimento dos estudantes, conferindo um enfoque interessante e lúdico sobre a problemática.

Entretanto, os seus benefícios dependem da forma como são utilizados os seus pressupostos, em articulação com características fundamentais do ambiente de aprendizagem: a criatividade, a autonomia, a criticidade, a cooperação e a colaboração. A metodologia adoptada procura desenvolver em cada participante habilidades como a liderança, a comunicação em grupo, a colaboração e a autonomia. São terminologias diferentes que remetem para concepções e respostas diferenciadas, tendo porém em comum o objectivo de colocar o aluno como sujeito da sua aprendizagem, autor e condutor do seu processo de formação, apropriação e autoconstrução do conhecimento. Inerentes ao trabalho cooperativo valorizam-se os seguintes processos: esclarecimento, comparação e defesa de ideias, bem



como as habilidades sociais de ouvir, comprometer e chegar a consenso(s). O trabalho do grupo colaborativo proporciona, neste contexto, diversas oportunidades para envolver os alunos em discussões de fundo sobre problemas demográficos que se colocam com grande pertinência a várias formações espaciais.

A expressão «cooperação» significa as trocas sociais entre os alunos, com um objectivo partilhado, que pressupõe um acordo inicial suportado por uma base conceptual comum. É neste sentido que deve ser interpretada a proposta da actividade em seguida apresentada. Foi pensada não só como uma actividade que permita desenvolver as competências cognitivas, processuais e comportamentais; mas também como sistematização das principais conclusões alcançadas com a primeira unidade didáctica, dedicada à evolução da população mundial, os comportamentos, a localização e a distribuição espacial dos indicadores demográficos. Permite efectuar sínteses e generalizações, bem como avaliar as aprendizagens e, eventualmente, rever as metodologias fomentadas de trabalho escolar. Pode ser acompanhada pela realização de outras actividades de síntese, como, por exemplo, a elaboração de mapas conceptuais.

Esta experiência de aprendizagem resultou do trabalho desenvolvido na planificação e concretização de duas aulas de Geografia, no âmbito do Estágio Pedagógico realizado no 5º ano da Licenciatura em Ensino da Geografia, do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ano lectivo 2005/2006). Assenta em pressupostos metodológicos que procuram cumprir as finalida-

des da aprendizagem cooperativa, ao serviço de uma educação geográfica para o desenvolvimento humano e para a cidadania.

Mais do que ensinar geografia, o professor da disciplina deve, sobretudo, educar geograficamente, devendo privilegiar, para o efeito, o desenvolvimento de experiências educativas centradas em problemáticas reais e socioespaciais. Através do «jogo dos seis chapéus», aplicado ao tema «população e povoamento», procurámos que os nossos alunos conseguissem fundamentar o seu raciocínio geográfico quanto aos principais problemas sociodemográficos que se colocam actualmente às comunidades humanas em variados espaços regionais de desenvolvimento, sob diferentes pontos de vista. Objectivo: disciplinar o pensamento de maneira variada e produtiva; analisar um caso ou tomar uma decisão usando cada um dos seis chapéus.

Planificação da aula

Tema:

População e povoamento

Subtema:

Evolução da população e comportamento dos indicadores demográficos

Questões-chave organizadoras da unidade didáctica:

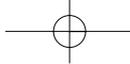
- Como tem evoluído a população mundial nas últimas décadas?
- É possível medir essa evolução? Como?
- De que forma a evolução da população mundial reflecte o comportamento dos indicadores demográficos?

- Onde é que o crescimento populacional é maior e menor?
- Que factores explicam a sua localização e distribuição?
- Que relação se estabelece entre recursos alimentares disponíveis e crescimento demográfico explosivo?
- Que medidas deverão ser tomadas de forma a estabilizar o crescimento da população nos países em desenvolvimento?
- Porque razão a tomada deste tipo de medidas não tem vindo a resultar?
- O que é esperança média de vida?
- Que factores influenciam a sua evolução? Como?
- Como se distribui a esperança média de vida no mundo?
- O que é o envelhecimento populacional?
- Quais são as principais consequências resultantes deste fenómeno?
- Como se reflectem na estrutura social e económica dos países desenvolvidos?
- Que medidas se podem tomar de forma a tentar inverter esta tendência de evolução das sociedades mais desenvolvidas?

Conceitos-chave transversais e específicos:

1 - Conceitos transversais da Geografia:

- > Distância
- > Distribuição
- > Escala
- > Espaço



- > Estruturas e sistemas territoriais
- > Interacção espacial
- > Localização
- > Lugar
- > Mudança-permanência
- > Percepção
- > Paisagem
- > Região
- > Tempo histórico e relações sociais

2 - Conceitos específicos da unidade didáctica e subjacentes à tarefa:

- > Crescimento natural ou saldo fisiológico
- > Esperança média de vida
- > Envelhecimento populacional
- > Estrutura etária
- > Explosão demográfica
- > Índice de renovação de gerações
- > Mortalidade
- > Natalidade
- > País desenvolvido
- > País em desenvolvimento
- > Planeamento familiar
- > Política demográfica
- > Política antinatalista
- > Política natalista
- > Revolução Agrícola
- > Revolução Industrial
- > Taxa de crescimento natural
- > Taxa de mortalidade
- > Taxa de natalidade

Competências gerais:

- Mobilizar saberes culturais e científicos para compreender a

realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;

- Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural e científico para se expressar;

- Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio;

- Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados em sede de grupo;

- Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;

- Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas, à tomada de decisões e ao desenvolvimento de atitudes críticas;

- Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;

- Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns.

Competências geográficas:

- Realizar debates para confrontar pontos de vista diferentes e apresentar propostas de solução para problemas geográficos detectados;

- Utilizar o vocabulário geográfico em descrições orais e escritas de lugares, regiões e distribuições de fenómenos geográficos;

- Formular e responder a questões geográficas (Onde se localiza? Como se distribui? Porque se localiza/distribui deste modo? Porque sofre alterações?) relativas a fenómenos demográficos;

- Discutir aspectos geográficos dos lugares, regiões e temas em estudo, recorrendo a textos escritos;

- Ordenar e classificar as características dos fenómenos demográficos, enumerando aqueles que são mais importantes na sua localização;

- Problematizar as situações demográficas evidenciadas no trabalho realizado, formulando conclusões, apresentando-as em descrições escritas e orais, discutindo-as em sede de grupo-turma;

- Analisar casos concretos de problemas demográficos e reflectir sobre soluções possíveis, mobilizando recursos, técnicas e conhecimentos geográficos;

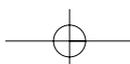
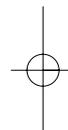
- Interpretar, analisar e problematizar as inter-relações entre fenómenos demográficos;

- Desenvolver competências geográficas de observação, classificação, organização, leitura e interpretação de mapas;

- Reconhecer a desigual repartição dos recursos pela população mundial e a solidariedade com os que sofrem de escassez desses recursos;

- Compreender os problemas provocados pela interacção entre o ser humano e o Ambiente, manifestando predisposição favorável para a sua conservação e defesa e participação em acções que conduzam a um desenvolvimento sustentável;

- Estar informado geograficamente e possuir uma atitude crítica face à informação veiculada pelos meios de comunicação;



- Desenvolver atitudes sobre a diversidade mundial de comportamentos demográficos, sustentadas nos conhecimentos relativos às localizações e características dos lugares e das populações que neles vivem e trabalham.

Avaliação:

Observação directa e registo da participação, do empenho e do comportamento dos alunos. Ficha de auto e hetero-avaliação. Avaliação atenta do trabalho desenvolvido na aula, observação dos alunos em situação de aprendizagem, olhar atento sobre os recursos e as competências que os alunos estão a mobilizar e de que forma. Avaliação do desempenho no debate através de grelha de avaliação em anexo.

Descrição da experiência de aprendizagem

1.ª fase: actividades de antecipação e mobilização da motivação para realização do jogo

As actividades de antecipação e mobilização da motivação dos alunos para a realização do jogo têm como objectivo ajudá-los a antecipar o que deverá ocorrer durante o período da aula. Também servem como «reminders» do professor. Eis alguns procedimentos levados a cabo na primeira parte da aula:

- Informar os alunos do objectivo das actividades a realizar;
- Identificar o objectivo da tarefa a desenvolver e respectivas competências que se procura que sejam desenvolvidas;

- Fornecer a informação de suporte (guião para realização do jogo);

- Clarificar os parâmetros da tarefa em termos da acção que o professor e os alunos irão desenvolver;

- Identificar os conceitos a serem desenvolvidos;

- Clarificar os conteúdos temáticos, procedimentais e atitudinais a desenvolver;

- Motivar os alunos usando princípios ou razões relevantes;

- Nomear os resultados desejados como um resultado de se comprometerem nesta actividade de aprendizagem.

2.ª fase: actividades de *brainstorming* e levantamento das ideias dos alunos sobre os principais problemas demográficos estudados na primeira unidade didáctica

Quando se necessita de respostas rápidas a questões relativamente simples, o *brainstorming* é uma das técnicas mais populares e eficazes. É uma boa estratégia a usar para conhecer o que os alunos sabem ou como é que eles se sentem em relação a um ou a vários tópicos que serão alvo de problematização no jogo (3.ª fase). Também exige que os alunos reflectam e usem destrezas analíticas.

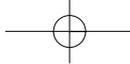
Assim, ao mesmo tempo que o professor faz uma sistematização das principais conclusões obtidas com as aprendizagens da unidade didáctica, vai encorajando os alunos a participar, sem fomentar intencionalmente qualquer tipo de análise, discussão ou crítica, para que as ideias espontâneas dos alunos venham à superfície. Sendo este um método colectivo que visa

a criação de um conjunto de novas ideias através da participação em grupo, acaba por introduzir nos alunos o pressuposto de que um grupo consegue gerar mais e melhores ideias do que um único indivíduo sozinho.

Para os alunos com alguma relutância em participar, sugere-se uma estratégia em que o professor começa por escrever o tópico no quadro e, por baixo, escreve uma série de palavras, algumas das quais claramente relacionadas com o tópico, outras que não lhe dizem respeito e outras que são ambíguas. O professor pede aos alunos para riscarem as palavras que segundo eles não estão relacionadas com o tópico e desenharem um círculo à volta das que claramente se relacionam com o tópico. Seguidamente o professor pede aos alunos que expliquem porque razão escolheram certas palavras. Estruturando o processo desta forma, os alunos relutantes descobrem que sabem mais do que pensavam.

Habitualmente a sessão de *brainstorming* obedece às seguintes fases:

- 1.ª – Abertura da sessão. O professor explica os objectivos da sessão e encoraja a produção de ideias-síntese.
- 2.ª – Produção de ideias. Nesta fase, a qualidade das ideias não é relevante. Os alunos vão lançando ideias à medida que estas surgem, e as mesmas vão sendo registadas pelo professor no quadro. Regras: não fazer juízos de valor nesta etapa, encorajar todas as ideias, produzir o maior número de ideias possível e combinar estas ideias para gerar outras. O papel do professor passa a ser o de facilitador, encorajando a produção de ideias



e mantendo o grupo centrado na questão principal: «O que é que eu sei sobre...?». Neste passo, os alunos reflectem e discutem o que já sabem sobre um determinado tópico/problema. O professor inventaria as suas respostas e ajuda os alunos a categorizarem as informações de que já estão cientes. Inclui a paráfrase e a discussão do problema por parte dos alunos, para ver que informação é fornecida. Pode também abarcar outras estratégias que podem ser, entretanto, sugeridas aos alunos, tais como: encenar o problema, desenhar imagens, ou a construção de um mapa para que os restantes colegas possam começar a compreender o problema e a reconhecer o que já sabem. Em seguida, o professor ajuda os alunos a identificarem os conceitos possíveis, que eles queiram verificar ou esclarecer à medida que vão avançando.

- 3.^a – Avaliação das ideias. Na fase de avaliação, as ideias são divididas em grupos e ordenadas segundo na sua utilidade e prioridade. O professor regista as opiniões dos alunos em relação a cada ideia. Se, por exemplo, o grupo acha que uma ideia é boa, mas de formulação pouco correcta, o professor deverá orientá-los para pensar em formas de validar a mesma, relativamente às aprendizagens desenvolvidas na unidade didáctica a finalizar.
- 4.^a – Eliminação de ideias. As ideias consideradas incorrectas ou impertinentes são eliminadas.
- 5.^a – Registo das ideias finais e das respectivas prioridades e formas de implementação e/ou de resolução dos problemas. «O que eu quero descobrir?» Com a orientação do professor, os alunos identificam áreas sobre as

quais querem aprender. Muito frequentemente, colocam questões que ainda não foram respondidas no texto de exposição ou levantam tópicos que ainda não foram discutidos, o que os leva a reconhecer a necessidade de consultar outras fontes de informação para descobrir as suas respostas. Esta fase — «o que eu quero descobrir» — pode também envolver os alunos na decisão de um plano para resolver o problema. Eles podem decidir que necessitam de descobrir mais dados e informações que completem a sua perspectiva sobre o tema e melhorem as suas hipóteses explicativas sobre o mesmo. É nesta fase que o professor deve introduzir a necessidade de leitura dos textos de apoio para a construção da personagem («chapéu») a representar no jogo. Faz, portanto, a ligação para o terceiro momento da aula.

3.^a fase: Realização do jogo dos «Seis Chapéus»

A ideia do jogo/técnica d'«Os Seis Chapéus» foi desenvolvida por Edward de Bono¹ (1990), e constitui simultaneamente uma estratégia estruturada para olhar para um cenário, uma situação, um desafio ou um problema, complexo e que requer a exploração de diferentes perspectivas. A flexibilidade e plasticidade de percepção da realidade/problemática constitui uma boa base na formação de uma estratégia de resolução (de problemas) e de processos complexos de tomada de decisão. O indivíduo escolhe o cenário, «põe» um chapéu — melhor dizendo, adopta o ponto de vista respectivo — e olha o cenário através de uma outra perspectiva, obtendo novas e enriquecedoras per-

cepções e, conseqüentemente, mais opções. Este é o conceito de «pensamento lateral» desenvolvido pelo autor. No âmago deste conceito encontra-se a possibilidade de mudar a qualquer momento, passar da própria posição para a dos outros, com vista a observar como é a mesma realidade sob um ângulo diferente. **Ideia-chave: a empatia é uma forte aliada nas situações de interacção com o outro.**

No nosso quotidiano profissional, deparamo-nos com situações difíceis que, por vezes, promovem a ruptura da sinergia e dão lugar ao conflito nas relações. Convivemos com colaboradores e colegas que trazem diferentes histórias de vida e estilos pessoais de actuação variados sendo alguns deles incompatíveis com as nossas expectativas.

- Como lidar, por exemplo, com um interlocutor que não nos quer ouvir ou que só ouve o que quer, quando o que esperamos é a sua atenção?
- Como desarmar um argumento desfavorável numa negociação sem a necessidade de corresponder ao confronto agressivo da outra parte?
- Como perceber e identificar o que está por de trás das palavras e dos gestos?

A arte do relacionamento pode ser (re)aprendida e aperfeiçoada em ambiente escolar, desde que tenhamos interesse, instrumentos e vontade de criar um clima propício à interactividade e assertividade. O estudo de Edward de Bono ensina a lidar com as diferenças, respeitando cada estilo e agindo de forma a estabelecer a empatia nas relações de trabalho.

¹ De Bono, Edward — *Six Thinking Hats*. Londres: Viking, (1990) (Edição brasileira: De Bono, Edward — *A Técnica dos Seis Chapéus*. Rio de Janeiro: Ediouro 1996).

Nascido na ilha de Malta, licenciado em Psicologia e Medicina em Oxford, Edward de Bono inventou o conceito de pensamento lateral, uma tentativa para resolver problemas através de métodos pouco ortodoxos ou aparentemente ilógicos. Professor em Oxford, Cambridge e Harvard, é também o autor de «Six Thinking Hats» («seis chapéus pensantes»), em que cada cor corresponde a uma atitude mental: branca (informação), vermelha (intuição), preta (precaução), amarela (benefícios), verde (criatividade) e azul (pensamento organizacional). O autor é reconhecido internacionalmente como a maior autoridade da actualidade em Criatividade e Inovação. É o criador de conceitos práticos que têm proporcionado melhorias significativas no desempenho de executivos e empresas em todo o mundo, tais como: **Dupont, 3M, Citibank, Saatchi & Saatchi e NTT DoCoMo**. Bibliografia publicada pelo autor: *The Use of Lateral Thinking* (McGraw-Hill, 1967); *The Five-Day Course in Thinking* (McGraw-Hill, 1967); *The Mechanism of Mind* (McGraw-Hill, 1969); *Lateral Thinking for Management* (McGraw-Hill, 1971); *De Bono's Course in Thinking* (McGraw-Hill, 1982); *Conflicts - A Better Way to Resolve Them* (McGraw-Hill, 1985); *Tactics — The Art and Science of Success* (McGraw-Hill, 1985); *Six Thinking Hats* (Viking, 1990); *I'm Right, You're Wrong* (Viking, 1990) e *Teach Yourself to Think* (Penguin, 1995).



De Bono afirma que as pessoas se comportam de seis maneiras básicas, que são, simultaneamente, seis comportamentos básicos a ser consideradas quando ouvimos alguém. Todos esses comportamentos são igualmente importantes e, se o interlocutor os considerar num mesmo processo, a probabilidade de tomar uma decisão acertada aumenta. Nos trabalhos em equipa ou grupo e elas podem potencializar e multiplicar a capacidade de gerar resultados. Para ancorar a sua teoria, usou a **metáfora do chapéu** e coloriu cada um deles, atribuindo significados específicos que indicam tendências pessoais de relacionamento. O autor recomenda que o pensamento seja representado como numa peça teatral. O cérebro responde bem ao estímulo e a indicação de Edward é utilizar-se um chapéu como objeto-símbolo. Assim, surge um chapéu para cada comportamento:

Branco: é neutro e objectivo. Traduz factos concretos e números. O chapéu branco é o chapéu da informação, totalmente neutro. Com ele é necessário deixar de lado as propostas e as conclusões para se concentrar nos dados de que dispomos para analisar a questão, os dados que faltam e a forma como obtê-los. Se as informações forem discordantes entre si, não se discute, guarda-se tudo em paralelo e abre-se o debate. O chapéu branco está direccionado para a tranquilidade e a ausência de ideias preconcebidas. Os argumentos sob a tutela do chapéu branco são objectivos e baseados em dados reais. O comportamento correspondente é da negociação, escuta e tranquilidade — o que poderá desarmar uma explosão emocional do chapéu vermelho. Caracteriza-se pelo pensamento racio-

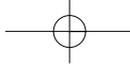
nal, objectividade, sem interpretações ou opiniões pessoais: ouvir e analisar factos e dados. Perguntas-chave: Que factos e dados existem? São reais ou probabilidades, crenças?

Vermelho: é o fogo, o calor. O chapéu vermelho sugere emoções fortes e intuição. Representa a visão emocional. Quem o usa é capaz de falar sobre sensações. Nas questões que implicam tomada de decisões, esses factores não deveriam intervir, mas sempre há aqueles que as disfarçam de «razões» lógicas. Com o chapéu vermelho, é possível expressar-se com liberdade, sem a necessidade de dar explicações ou justificações. O indivíduo que adopte o chapéu vermelho comporta-se e pensa de acordo com a emoção e o sentimento. Geralmente, deixa transparecer nos seus gestos e atitudes o que está a sentir. Se está satisfeito e concorda com o outro, torna-se um forte aliado. Se discorda, tende a colocar-se na defensiva de forma explícita. Quando um indivíduo se deparar com um colaborador de chapéu vermelho insatisfeito, será mais bem sucedido se usar a estratégia do chapéu branco. Caracteriza-se pelo pensamento intuitivo, baseado em palpites, inferências, pressentimentos, opiniões e interpretações. Perguntas-chave: Como reagirão as pessoas no debate? Quais os seus sentimentos? Quais são os meus sentimentos sobre a questão?

Preto: simboliza a precaução, a avaliação do risco e também o juízo crítico. Aquele que escolhe o chapéu preto como modelo de comportamento tende a usar o pensamento lógico negativo, isto é, sobrevaloriza as desvantagens do processo. Apresenta um comportamento crítico, que, por ve-

zes, é positivo, e alerta para o que pode resultar mal num projecto ou numa ideia. Pode converter-se num perigo se for utilizado em excesso, pois transforma o seu interlocutor no eterno «do contra». Ele evita os erros, previne as decisões irracionais e contribui para a ponderação, ressalta o que pode e o que não pode ser feito e explica as razões pelas quais a decisão não será proveitosa. É o chapéu mais usado e, talvez, o de maior utilidade directa, desde que não se caia na cautela excessiva e negativa, já que se corre o risco de ao evitar a todo o custo os equívocos, acabar por eliminar a criatividade. Para lidar com o pensador do chapéu preto, torna-se necessário apelar às ideias do chapéu amarelo. Caracteriza-se pelo pensamento negativo com argumentação crítica e análise de riscos; procura daquilo que é falso, incorrecto ou dúbio: Perguntas-chave: O que pode estar errado? O que pode correr mal? Quais as desvantagens?

Amarelo/laranja: é lógico e positivo. É o chapéu que permite ver o valor e os benefícios das ideias de uma forma lógica e real. As atitudes e os comportamentos do pensador do chapéu amarelo revelam optimismo. Quando argumenta e faz perguntas, adopta uma estratégia especulativa e positiva, sem passar a ideia de discordância ou de imposição de pontos de vista. O chapéu amarelo permite mostrar ao interlocutor o outro lado da moeda — o que pode «dar certo», as oportunidades e possibilidades, neutralizando os obstáculos e as desvantagens avançadas por aqueles que só conseguem ver o lado pessimista. Enquanto o indivíduo comum aceita com maior naturalidade o chapéu preto; no chapéu amarelo o desenvolvimento de



atitude sensível e dos valores exige-lhe um grande esforço. Este chapéu requer mais esforço do que qualquer outro, porque os benefícios nem sempre são óbvios e exigem um trabalho rigoroso de pesquisa e fundamentação. Caracteriza-se pelo pensamento positivo; análise de probabilidades positivas, ganhos e vantagens; perguntas-chave: O que pode dar certo? O que podem as populações ganhar com isto? Quais são as vantagens?

Verde: utilizado para o pensamento mais criativo, é o chapéu das alternativas, das ideias provocadoras e da mudança. O chapéu verde significa crescimento, energia e criatividade. Faz com que as pessoas transponham bloqueios à criatividade e apresentem ideias inovadoras e revolucionárias. Com ele, todos devem ser criativos, desenvolver novas ideias, procurar alternativas e outras possibilidades não exploradas. Caracteriza-se pela imaginação e pelo pensamento divergente (soluções alternativas); perguntas-chave: Que ideias ou soluções alternativas existem? Porque não usá-las? O que de inovador pode ser feito?

Azul: é frio, capaz de coordenação. Expressa capacidade de organização e controlo do processo de pensar. É o último dos chapéus e representa a visão global, o controle, a serenidade e a gestão do pensamento. Ele ajusta o foco, define o problema e formula as questões. O chapéu azul confere àquele que o usa o poder da síntese. Faz as perguntas certas na hora certa e colabora na tomada de decisões. Tem uma boa capacidade crítica, apoiada no pensamento lógico-racional. Caracteriza-se pensamento organizado e formalizado e pela avaliação do uso dos restantes chapéus.

Perguntas-chave: Todos os chapéus foram usados? Houve integração entre eles? Todas as ideias e alternativas foram registadas e avaliadas? Que conclusões podemos tirar? Quais são os nossos sentimentos após o processo? Quais são os próximos passos (acções ou mais discussão)?

Através do diálogo professor/alunos, faz-se uma descrição do jogo dos chapéus, funções respectivas, objectivos e vantagens da sua realização. Em seguida, a descrição do jogo deve centrar-se nas funções de cada chapéu. O professor pode iniciar com o chapéu branco. Descreve aos alunos como a «pessoa de chapéu branco» pensa, qual a sua atitude perante uma ideia ou problema. Durante 5 a 10 minutos, o professor, ao mesmo tempo que solicita aos alunos a participação de acordo com este chapéu, anota todas as informações que o grupo conseguir gerar. Estimula a turma a produzir o maior número de pensamentos possível. Em seguida, troca para o chapéu vermelho, o amarelo, o preto, o verde e finaliza com o azul. É dada a oportunidade a cada aluno de escolher o chapéu com o qual mais se identifica.

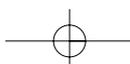
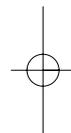
Formam-se tantos grupos quanto o número de chapéus existentes. Há uma reorganização da estrutura física da sala de aula (sala em estrutura de aula expositiva? sala em estrutura «U») para facilitar a interactividade, necessária de acordo com a estratégia em curso (debate). Depois de distribuídos pelos grupos, os alunos analisarão alguns textos sobre os vários problemas demográficos identificados, definidos e contextualizados na sistematização realizada no *brainstorming* (2.^a fase), e discutirão os mes-

mos em grupo, de acordo com as características e competências de cada chapéu.

Cada grupo terá um porta-voz, que irá debater com os restantes grupos a temática, de acordo com a sua perspectiva. O grupo do chapéu azul funcionará como moderador do debate, formulando questões, para que as diferentes perspectivas ou características de pensamento sejam devidamente expressadas. Os moderadores apresentam os representantes dos diferentes grupos, moderam a participação dos intervenientes e solicitam, sempre que conveniente, a participação dos restantes elementos da turma que estão a assistir.

No decorrer do debate, os elementos dos diferentes grupos tomarão nota das principais ideias e perspectivas dos restantes grupos, para que não exista dispersão e desconcentração dos alunos. No final do debate, o grupo dos moderadores, fará um resumo sobre as conclusões e propostas de solução de cada grupo, bem como dos principais aspectos focados por cada um. Todos os alunos farão um registo escrito das conclusões do debate.

Os resultados são surpreendentemente eficazes. Os alunos aprendem a ter disciplina na forma de pensar, separando o positivo do negativo, os factos e os números das emoções. A técnica também é muito eficaz para encontrar soluções para problemas identificados pelos alunos e para gerar novas ideias. Fomenta-se uma actividade lúdica e cooperativa, com explicitação de papéis e responsabilidades, que permite que os alunos comuniquem, discutam e defendam descobertas e ideias próprias, dando



espaço de intervenção aos restantes colegas. A actividade permite o desenvolvimento nos alunos da capacidade de percepção de outros contextos de vida que não os deles. A percepção de diferentes pontos de vista, no que toca às causas de tomada de decisão, alia-se ao desenvolvimento da capacidade de argumentação.

Importa ainda realçar que, antes de usar a estratégia da interactividade subjacente ao jogo, é necessária uma reflexão com o objectivo de descobriremos com qual dos chapéus nos sentimos mais à vontade. Este será aquele que, certamente, usamos com mais frequência. Também não deixa de ser interessante motivar os alunos para a escolha de um chapéu/perspectiva que não dominam habitualmente, pois assim estaremos a garantir que desenvolvemos competências sociais típicas de uma perspectiva pessoal de que o aluno carece. Um professor comprometido com os seus alunos tem a responsabilidade de procurar acções interactivas que facilitem a sinergia e propiciem um clima assertivo nas relações de trabalho escolar.

Agora, enquanto professor de Geografia e educador, colocamos-lhe um desafio: Para educar e formar pessoas diferentes e manter um bom relacionamento com os alunos, é necessário desenvolver a flexibilidade e percorrer caminhos variados. E então, qual é o seu estilo dominante? Qual é o chapéu que você mais usa? Adaptar-se-ia aos outros estilos de chapéus, caso fosse necessário? Não é de se tirar o chapéu?

[Este artigo continua no próximo número]

Seis chapéus para pensar a população mundial

(continuação)

Joana Fernandes (professora estagiária)

Núcleo de Estágio de Geografia da Escola Secundária Quinta do Marquês, Oeiras (2005/2006)

(Rede de Núcleos de Estágio do Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

Luís Mendes

Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa

Características dos chapéus



Cor neutra.
Dados e factos
objectivos.
Números e
informações.



Cor da cólera
ou das emoções.
O conhecimento
sob o ponto de vista
emocional.



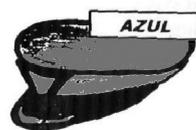
Cor do Sol.
Aspectos positivos
do Homem,
esperança,
optimismo.



Cor da Natureza
e da fertilidade.
Criatividade.



Cor negativa.
Razões que
impedem a acção.



Cor do céu e fria.
Toma o comando.
Organiza o processo
de reflexão/outros
chapéus.

Planificação da aula

Tema

População e povoamento

Competências a desenvolver

- Ser capaz de analisar um assunto em grupo, chegando a conclusões.
- Saber desempenhar um papel, de acordo com o ponto de vista adoptado (cor do chapéu).
- Desenvolver o espírito de reflexão e de análise crítica.
- Desenvolver a capacidade de diálogo e o espírito de tolerância perante a diferença.
- Desenvolver opiniões próprias e aprender a defendê-las, aumentando, assim, a sua auto-estima e autoconfiança.

Organização do debate

- O debate será organizado em grupos de acordo com os chapéus, de modo que cada grupo/chapéu desempenhe um «papel», assumindo, assim, as características de pensamento, correspondente à cor do chapéu que representa.
- Os diferentes chapéus representam as diferentes dimensões do pensamento humano (chapéu = papel social).
- Durante quarenta minutos os diferentes grupos analisarão os textos em anexo, preenchendo a folha com as conclusões do grupo.

Início do debate

- Cada grupo terá um porta-voz, que irá debater a problemática da população de acordo com a cor do chapéu que representa.
- Os restantes elementos de cada grupo preencherão uma ficha com as diferentes perspectivas debatidas.
- Os elementos do grupo com o chapéu azul serão os moderadores do debate, lançando questões pertinentes, para que as diferentes perspectivas sejam expostas. Apresentam os representantes dos diferentes grupos. Moderam a participação dos intervenientes. Solicitam, sempre que conveniente, a participação dos restantes elementos da turma que estão a assistir.
- Por fim, o grupo do chapéu azul fará um resumo das conclusões, bem como soluções encontradas para os problemas-chave discutidos. Todos os alunos farão o registo dessas conclusões.

Bom debate!

Tendo em atenção a cor do teu chapéu, sublinha as informações mais importantes para conseguires defender o teu ponto de vista. Utiliza a grelha de observações para tomares as anotações que considerares necessárias.

Somos seis mil milhões

A 22 de Outubro de 1999, viverão no mundo 6 mil milhões de pessoas, o que representa um aumento de mil milhões em apenas doze anos. Quase metade terá menos de 25 anos; mais de mil milhões serão jovens com idades compreendidas entre 15 e 24 anos, os pais da próxima geração.

A população mundial está a crescer a um ritmo de 78 milhões de pessoas por ano, o que equivale a um pouco menos do que a população total da Alemanha. Duplicou desde 1960. Mais de 95 % do crescimento demográfico regista-se nos países em desenvolvimento.

Entretanto, o crescimento demográfico abrandou ou parou na Europa, na América do Norte e no Japão. Os Estados Unidos são o único país industrializado

em relação ao qual as projecções apontam ainda para grandes aumentos, em grande medida em consequência da imigração.

Alcançar os 6 mil milhões tem, ao mesmo tempo, aspectos positivos e negativos. Entre os positivos figura o resultado das opções pessoais e da acção colectiva em prol de melhor saúde e de uma vida mais longa. Isto é o reflexo, por exemplo, de:

- Todos os recém-nascidos cujas mães tiveram uma gravidez saudável;
- Todos os bebés que são devidamente alimentados e vacinados;
- Todas as mulheres jovens que se podem proteger da infecção por VIH;

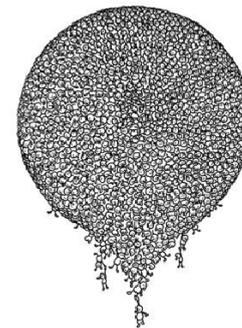


Illustration © Tony Milosaire

- Todas as mães que podem espaçar as gravidezes;
- Todos os homens que aceitam a responsabilidade pelo seu bem-estar e pelo da sua família;
- Todos os idosos que protegeram a saúde, quando eram jovens;
- Todos os que evitam riscos para a saúde, por meio de uma melhor informação e de um comportamento responsável.

A Situação da População Mundial, 1999, Nações Unidas (adaptado)

O crescimento demográfico e a produção de alimentos

Em muitos países verificou-se, nos últimos anos, que o crescimento demográfico foi mais rápido do que o aumento de produção de alimentos.

Um estudo realizado pela ONU, em 105 países em vias de desenvolvimento, demonstrou que em 64 destes países, entre 1985 e 1995, a produção alimentar cresceu a um ritmo inferior ao da população, sendo a África o continente com piores resultados nesse domínio.

A Austrália, a Europa e a América do Norte têm grandes excedentes de alimentos que vendem a outros países e, provavelmente, são capazes de aumentar a produção alimentar.

Contudo, os países em vias de desenvolvimento não produzem alimentos su-



ficientes para as suas populações e também não dispõem de recursos financeiros que lhes permitam adquirir ao estrangeiro as quantidades suficientes para fazer face às suas necessidades alimentares. Nesses países, cerca de 800 milhões de pessoas sofrem actualmente de má nutrição crónica e 2 mil milhões não gozam de segurança alimentar.

Para satisfazer as necessidades dos quase 8 mil milhões de pessoas que se espera que venham a viver na Terra em 2025, e para melhorar a sua alimentação, o mundo teria de duplicar a produção de alimentos e melhorar a sua distribuição.

A Situação da População Mundial (2001), FNUAP, ONU (adaptado)

Será que o planeta chega para todos?

Ao ritmo actual, a Humanidade aumenta cerca de 80 milhões de habitantes por ano, dos quais mais de 11 milhões são chineses. A China, que acaba de anunciar o resultado do seu recenseamento (1 265 milhões de pessoas), não é, contudo, o maior contribuinte para a demografia planetária. A Índia, onde a natalidade é menos controlada, dá ao planeta perto de 15 milhões de novas almas em cada ano.

Notícias Magazine, 08/06/2001

A revolução sanitária e a transição demográfica

A revolução sanitária fez com que no mundo, nos anos 90, não existissem praticamente países com uma esperança de vida à nascença inferior a 50 anos. Os poucos países que se encontram nessa situação pertencem todos à África subsariana. A revolução contraceptiva fez também generalizar a ideia de que um baixo nível de fecundidade é um símbolo de modernidade, seja à escala de um país seja à microescala dos indivíduos e dos casais.

Segundo as Nações Unidas, apesar das consequências demográficas dos intensos ritmos de crescimento populacional das últimas décadas, é possível prever um cenário de estabilização da população à volta de 8 a 9 mil milhões de habitantes no nosso planeta em meados do século XXI, em vez dos catastrofistas 12 mil milhões admitidos em cenários anteriores.

Manter a população em número sustentável

A taxa de natalidade nos países industrializados diminuiu principalmente por causa do desenvolvimento socioeconómico. A subida do nível das retribuições, a urbanização e a evolução do papel da mulher, todos tiveram reflexos.

Processos semelhantes estão agora a funcionar em países em desenvolvimento. Estes devem ser reconhecidos e encorajados.

Mas o tempo é pouco e os países em desenvolvimento têm também de promover medidas directas de redução da natalidade, para evitar passar radicalmente os limites da capacidade de sustento da população.

De facto, melhorar o acesso das famílias a serviços de planeamento familiar já é uma forma de desenvolvimento social que dá aos casais, e às mulheres em especial, o direito à autodeterminação.

O Nosso Futuro Comum, 1987, WCED (adaptado)



A explosão demográfica um fenómeno recente

O crescimento da população coincide com as grandes fases de progresso económico e social, nas quais se verificou um conjunto de descobertas e inovações. As três grandes revoluções demográficas correspondem às grandes revoluções agrícolas e industriais.

A revolução do Neolítico, quando o Homem se transformou em agricultor, permitiu à Humanidade assegurar a produção de excedentes alimentares e

dedicar-se progressivamente a outras actividades. A Revolução Agrícola do século XVIII na Europa deu origem a uma nova fase de crescimento da população, devido à erradicação da fome. A Revolução Agrícola serviu de ponto de partida para as revoluções industriais. Após 1945, a difusão das inovações faz-se cada vez mais rapidamente. A explosão demográfica acaba por afectar todos os países do mundo.

Os efeitos da explosão demográfica nos países ricos e nos países pobres são muito diferentes e animam o debate social, económico e político. A curto prazo, poderá anular o desenvolvimento dos países pobres? Poderá hipotecar a longo prazo envelhecimento da população o desenvolvimento de todos os países do mundo?

Nazareth, J. M., *Introdução à Demografia*, Ed. Presença, 1996 (adaptado)

A acção do Fundo das Nações Unidas para a população (FNUAP)

A acção da FNUAP e de outras agências das Nações Unidas, do Banco Mundial e das Organizações Não Governamentais (ONG) foram reconhecidas como fundamentais para a execução de um programa comum em matéria de população mundial.

Eis alguns dos grandes objectivos que foram estabelecidos:

- Estabilizar a população mundial, como condição para atingir o desenvolvimento duradouro, reduzindo os riscos ambientais acentuados pelas elevadas pressões demográficas;
- Melhorar o estatuto da mulher, promovendo a sua participação na vida económica e política dos países em igualdade de direitos com os homens e assegurar a livre decisão em matéria de natalidade por parte dos casais;
- Investir na educação, em particular da mulher, como meio de alcançar o desenvolvimento, pois consolida-se a liberdade e a autoconfiança e contribui-se para a redução das taxas de fecundidade;
- Respeitar os direitos do homem em matéria de sexualidade e no que diz respeito às novas formas de família.

Nações Unidas (adaptado)

A população pode crescer para 8900 milhões até ao ano 2050

Segundo as projecções da Divisão de População do Departamento de Assuntos Económicos e Sociais das Nações Unidas, a população mundial crescerá de 6 mil milhões, em 1999, para entre 7300 e 10700 milhões até ao ano 2050, sendo 8900 milhões o número considerado mais provável. A diferença de 3400 milhões entre as projecções máxima e mínima, que reflecte diferentes hipóteses no que se refere a futuras taxas de fecundidade, é equivalente a nada menos do que a população mundial total em 1966. A actual taxa de crescimento é de 1,33%. Na projecção mediana, espera-se que os aumentos anuais desçam gradualmente dos 76 milhões de hoje para 64 milhões, em 2020-2025, e que, depois, diminuam acentuadamente para 33 milhões, em 2045-2050.

Os recursos finitos da Terra são hoje desigualmente divididos por 6,1 mil milhões de pessoas, surgindo mais três pessoas a cada segundo que passa.

O cálculo das Nações Unidas para a população mundial no ano 2050 é de nove mil milhões. A grande maioria viverá em países em vias de desenvolvimento, confrontando-se com uma grave falta de terra, alimentos e água. Haverá também um número cada vez maior de idosos a sustentar pela população trabalhadora.

A nossa única esperança é criar a estabilidade populacional, baixando a taxa de natalidade para valores iguais aos da taxa de mortalidade. Isto só será conseguido satisfazendo a crescente procura de educação e planeamento familiar das mulheres de todo o Mundo.

Salvemos a Terra (adaptado)

Vida mais longa

Na actualidade, na Europa Ocidental e nos países industrializados de além-mar, a duração média da vida ultrapassa largamente os 70 anos para os homens e um pouco os 80 para as mulheres, prolongando os limites da velhice.

Estes ganhos devem-se, em primeiro lugar, à evolução da Medicina, associada à organização de serviços de saúde eficazes em quase todos os países desenvolvidos, o que permitiu o retrocesso da tuberculose e das doenças infecciosas, graças à acção dos antibióticos e das vacinas, e, numa segunda fase, à luta contra as doenças cardiovasculares e contra o cancro.

O crescimento económico e o desenvolvimento tecnológico contribuíram duplamente para o alargamento da esperança média de vida: permitiram a expansão e generalização dos sistemas de segurança social, facilitando o

acesso aos cuidados de saúde e reforçando a cobertura sanitária da população, e possibilitaram a melhoria da alimentação e das condições de vida (higiene, alojamento, etc.).

GRIMAL, J. C.,

La Population du Monde



Os obstáculos ao sucesso das medidas de controlo da natalidade

A falta de meios financeiros da maioria dos países em desenvolvimento para pôr em prática políticas que permitam controlar a natalidade e a fecundidade tem sido um dos principais obstáculos à implementação eficaz das medidas definidas.

Outro dos obstáculos ao sucesso de algumas medidas tem sido o seu carácter repressivo. Em algumas províncias da China a esterilização é quase imposta depois do segundo filho. Os casais que ultrapassem o número de filhos imposto para cada região são fortemente penalizados em termos fiscais e podem correr o risco de perder ou de não encontrarem emprego. A repres-

são exercida sobre os casais incentiva a prática de infanticídios, sobretudo em regiões rurais da China, e do aborto, que afecta principalmente recém-nascidos do sexo feminino. Algumas organizações internacionais estimam que na China seja de oito milhões o número de crianças que não são declaradas pelos pais e cujo destino é incerto.

Noutros países em desenvolvimento a influência de certas religiões na sociedade conduzem a comportamentos pouco favoráveis à legalização do aborto, à generalização dos métodos anticoncepcionais mais modernos e ao reforço do papel da mulher na sociedade.

Na Índia exercem-se pressões sobre a população: perda do direito a assistência médico-alimentar às famílias pobres com três ou mais filhos, cujo pai recusa a vasectomia.

A Tailândia é um país que se vê confrontado com um crescimento demográfico muito acentuado. O Governo lançou um projecto de controlo da natalidade baseado na prática da vasectomia. Nele participaram equipas médicas e de enfermagem que chegaram a realizar 1900 intervenções cirúrgicas num único dia.

Escolarizar as raparigas de Benin

Georgette Dakodo tinha 7 anos quando os pais decidiram retirá-la da escola. O futuro desta menina era fácil de prever: um casamento precoce, toda uma vida de intenso trabalho doméstico e numerosas maternidades. Jamais ela saberia ler, escrever ou contar.

Contudo, o destino de Georgette foi modificado, graças a uma iniciativa do Programa Alimentar Mundial (ONU) que visava escolarizar as raparigas. No âmbito deste programa, os pais de Georgette recebem arroz e óleo alimentar em sua casa; em contrapartida Georgette regressa à escola.

Georgette pôde assim retomar os estudos, após quatro anos de interrupção, e novas oportunidades surgiram na sua vida. Ela está decidida a finalizar os estudos e a seguir a profissão de enfermeira.

FNUAP, 2000 (adaptado)

Segundo a política actualmente em vigor na China, cada casal só pode ter um filho e há punições para quem excede esse valor. No entanto, o tradicional desejo de um filho do sexo masculino, para que este dê continuidade ao nome da família, faz com que as famílias se vejam livres das crianças do sexo feminino através do aborto, infanticídio ou pelo seu abandono. Os casais que não obedecem a esta política têm de pagar impostos mais elevados, e os seus salários são reduzidos em 5%.

China: um filho por casal

O filho de Li W., nascido no ano passado numa maternidade de Pequim, oficialmente não existe.

É o seu único filho e a mulher engravidou depois de o casal obter autorização para ter a criança. Mas, devido ao «regulamento especial» em vigor na capital chinesa, Li W. preferiu não o registar e espera agora que a lei mude.

De acordo com aquele regulamento, o filho de Li W. terá um «Hukou» (cartão de residente) da terra da mãe, em Zhejiang, na costa leste da China – e não o de Pequim, onde os pais vivem e trabalham. «Um 'Hukou' da província, em Pequim, não vale nada», diz Li W.

Se a lei, entretanto, não mudar, Li W. será obrigado a pagar uma «taxa de apoio» de 3000 *yuan* (85 contos) para inscrever o filho num infan-tário e mais 20 000 *yuan* – quase o dobro do que um professor universitário ganha por ano – quando a criança entrar na escola primária.

Expresso, 28/10/2000

Europeus na idade dos cabelos brancos

Um em cada três portugueses terá 60 anos, ou mais, em 2050. No próximo meio século a população nacional da terceira idade aumentará consideravelmente... De acordo com a ONU, no período de cinquenta anos, além de envelhecer, a população vai diminuir em praticamente todos os países da Europa... O país com previsão de maior envelhecimento será a Espanha, onde quatro em cada dez habitantes serão sexagenários e a população com mais de 60 anos passará de 22 % para 43 % em 2050.

Expresso, 29/04/2000 (adaptado)

Na França e na Alemanha, assim como nos países nórdicos, os Governos quase pagam às famílias para que tenham mais de dois filhos. Em vez dos sete contos trimestrais do abono de família português, as famílias daquelas países recebem um subsídio equivalente a um salário mínimo, que aumenta a partir dos dois filhos.

Emprego ou maternidade

Perante o dilema de dar tempo aos filhos, à casa e ao marido ou conseguir conciliar esta faceta com a profissão, muitas mulheres têm preferido, nos últimos anos, ficar em casa. São quase seis mil as novas mães da região da Lombardia (em Itália) que, em 2001, se despediram dos empregos, depois de uma primeira maternidade, o que traduziu um aumento de 800 % relativamente ao ano anterior.

Diário de Notícias, 08/03/2002 (adaptado)



Suécia indemniza cidadãos esterilizados por lei

A Suécia iniciou ontem o pagamento de indemnizações a cidadãos que foram esterilizados «contra a sua vontade ou por iniciativa de outra pessoa», entre 1935 e 1945.

Ninguém sabe de momento quantas pessoas são abrangidas pela lei recentemente aprovada. Calcula-se que 60 mil foram vítimas do «tratamento» de 1935 a 1975, na maioria mulheres pobres com muitos filhos ou deficientes mentais. A justificação era «higiene racial» ou «custo económico». Mas até agora só 150 reclamaram os 3600 contos. Fala-se, no entanto, da existência de 12 mil pessoas ainda vivas com direito a serem indemnizadas, mas que não reclamaram o pagamento.

Na década de 20, leis como esta

surgiram em vários países, nomeadamente nos Estados Unidos da América e nos países europeus nórdicos. Na Suécia, foi criado, em 1922, o Instituto Estatal de Biologia Racial, a primeira instituição do género no mundo. Em 1934, o governo fez aprovar uma lei que permitia as esterilizações por «razões sociais».

Em 1941, o âmbito de aplicação desta lei passou a abranger também pessoas «associais».

Várias vezes este capítulo obscuro da história da Suécia veio a lume, sem ter sido eficazmente denunciado, até que o jornal *Dagens Nyheter* se empenhou numa investigação sobre o assunto, que depois publicou.

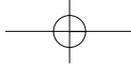
Diário de Notícias, 04/07/99 (adaptado)

A crise dos nascimentos

A Suécia, onde a fecundidade tinha caído abaixo de 2,1, já em 1968, conseguiu recuperar, entre 1980 e 1995, graças a uma política abertamente de natalidade. Mas foi sol de pouca dura que soçobrou com a crise do estado-providência.

Expresso, 07/07/2001

Na Suécia, com o objectivo de aumentar a natalidade, foram postas em prática medidas que permitem aos pais conciliar a vida familiar e a vida profissional. Neste âmbito, destaca-se a criação de redes de creches e infantários, a atribuição de abonos de família generosos e a dispensa do trabalho durante 450 dias pelo nascimento de um filho, que pode ser repartido por ambos os cônjuges.



Em Portugal, as mães e os pais vão ter mais tempo para ficarem com o filho, após o nascimento. O período de licença de parto passou de 98 para 110 dias. Na Alemanha ou em França, as mães podem ficar em casa durante dois anos sem, no entanto, perderem o posto de trabalho.

Futuro inseguro

Quem tem menos de 35 anos, trabalha e desconta para a Segurança Social, corre o risco de ficar sem reforma daqui a vinte e cinco ou trinta anos. Se não sofrer algumas alterações de fundo, o actual sistema pode entrar em falência.

Diminuição da natalidade e aumento da esperança de vida são, do ponto de vista demográfico, factores que podem ser encarados como positivos. Mas quando se trata de Segurança Social são ambos más notícias. Menos nascimentos implicam uma redução do número de contribuintes, enquanto o aumento da esperança de vida significa que o sistema terá de pagar reformas durante mais anos. Contas feitas, o actual sistema poderá entrar em situação deficitária entre 2025 e 2030.

Visão,
02/06/2002

Maternidades adiadas

As mulheres portuguesas têm cada vez menos filhos – e cada vez mais tarde. Enquanto em 1986 se era mãe pela primeira vez aos 23 anos e meio, em 1997 a idade média para ter o primeiro filho subira para 26 anos. Este adiar da maternidade deve-se à inserção da mulher no mercado laboral e no sistema de ensino.

Apesar disso, as mulheres portuguesas são as mães mais jovens da União Europeia. Em 1996, a idade média de maternidade (calculada a partir da idade de todas as mulheres que deram à luz) era de 29 anos, no conjunto dos quinze – e na Irlanda, Holanda e Espanha ultrapassava mesmo os 30 anos –, enquanto em Portugal se situava nos 28,2 anos.

Menos jovens, mais idosos

Há cinquenta anos, a pirâmide de idades da população portuguesa era muito diferente. Na base, o gráfico surgia muito mais largo e, consoante os efectivos populacionais iam envelhecendo, a sua representatividade esbatia-se, passando a ser numericamente menos importante. Tinha o aspecto de um triângulo típico de uma população jovem.

Actualmente, o desenho da pirâmide é muito diferente: uma base estreita, classes de adultos jovens muito representativas e uma manutenção de elevado número de efectivos em idades mais avançadas. Ou seja, o que se verifica hoje é que as gerações, em vez de se sucederem, coexistem – uma



pessoa nascida nos anos 90 provavelmente conhecerá os seus avós, talvez mesmo os seus bisavós e conviverá mais tarde com os filhos, os netos e os bisnetos.

Visão, 01/03/2003

Sem trabalhadores para pagar a Segurança Social

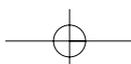
Um relatório da ONU recentemente divulgado chama a atenção para o maior problema com que a Europa se defronta a curto prazo: o rompimento dos sistemas de saúde e de assistência social. Para manter o actual sistema são necessárias 4,3 pessoas acti-

vas por cada reformado. (Portugal tem neste momento 4,4, mas em 2010 terá 4,1, segundo dados do INE.)

Entre 1995 e 2015, a população acima da idade de reforma aumentará 30%. E, entre estes, os que têm mais de 80 anos serão mais 39%.

Um peso que a redução da população activa poderá não aguentar. O estudo da ONU avisa que, a manter-se a actual situação, daqui a cinco anos as pensões de reforma poderão não chegar para todos.

Expresso, 23/12/2000 (adaptado)



Registo do debate

Ideias-chave focadas pelos grupos.

Chapéu

Chapéu

Chapéu

Chapéu

Perguntas a fazer no final



Ficha de auto e hetero-avaliação do debate

«Seis chapéus para pensar a população mundial»

Esta ficha de auto-avaliação é importante para reflectires sobre tudo o que fizeste no debate; por isso, responde com sinceridade às questões que forem colocadas.

Utiliza uma escala de 1 a 5 (**1** – nunca; **2** – raramente; **3** – frequentemente; **4** – muito frequentemente; **5** – sempre) e responde às questões, expressando a tua opinião.

1. Interessei-me pelo tema do trabalho
2. Gostei de trabalhar em grupo
3. Respeitei a opinião dos colegas
4. Exprimi as minhas ideias
5. Empenhei-me ao longo de todo o trabalho
6. Consegui concretizar o que queria no trabalho
7. Senti dificuldades na realização das tarefas

7.1 Quais? _____

8. O que mais gostei de fazer foi: _____

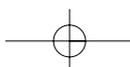
9. O que menos gostei de fazer foi: _____

10. Estás satisfeito com o trabalho realizado? _____

11. Se pudesses, que aspectos alterarias no trabalho? Justifica a tua resposta. _____

12. Realiza agora a avaliação dos elementos do teu grupo e assinala com uma cruz (x) a opção que te parece ser a mais justa.

Nomes dos elementos	Avaliação			
	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom



Grelha de avaliação do debate «Seis chapéus para pensar a população mundial»

Alunos		Participação no debate			Trabalho escrito		Nota final
Função assumida	Nome	Auto-avaliação	Hetero-avaliação	Avaliação do professor	Auto-avaliação	Avaliação do professor	
Chapéu branco							
Chapéu vermelho							
Chapéu preto							
Chapéu amarelo/laranja							
Chapéu verde							
Chapéu azul (moderadores)							

Crerios de avaliação de participação no debate segundo os seguintes parâmetros: organização, empenho (interiorização da personagem), criatividade, informação (conteúdos), qualidade da intervenção, clareza no discurso e vocabulário. O trabalho, sobretudo o escrito, valoriza particularmente a fundamentação das conclusões produzidas durante a discussão no debate dos textos de apoio fornecidos e o cumprimento das regras de organização especificadas no guião fornecido e na intervenção precedente do professor: seguimento dos argumentos a partir dos quais se daria a construção do discurso da personagem/chapéu a representar. Por outro lado, valorizar-se-á o nível de qualidade e a organização, criatividade e a participação demonstradas pelo aluno durante o debate.